

COORDENAÇÃO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Práticas interativas e complementares, uma realidade do SUS: percepção dos profissionais da estratégia saúde da família

COORDENADOR

Prof^a. Benedita Abreu Leão

OBJETIVO

Conhecer as expectativas dos profissionais enfermeiros com atuação da ESF, sobre a aplicação das Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PICs) e a motivação para a inserção das terapias complementares na rede básica de saúde, visando ao cuidado integral na assistência e à ampliação do acesso à saúde com garantia de eficácia e eficiência no atendimento.

RESUMO

As Práticas Integrativas Complementares (PICs) são um estímulo aos mecanismos naturais de Saúde no SUS; favorecem princípios fundamentais como: universalidade, acessibilidade e contribuem para uma visão ampliada do processo saúde-doença e promoção global do cuidado especialmente do autocuidado. Essas PICs buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e promoção da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. A saúde da família torna-se, então, a estratégia para realizar essa missão. No geral constatam que no Brasil ainda são poucas as experiências exitosas da evolução das PICs no SUS, com base na literatura desde a implantação da PPIC, em 2006. Na trajetória na docência e experiência no serviço de saúde da rede do SUS, no Estado do Pará, pouco ainda se debatem as Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (SUS), tendo como estímulo os resultados de publicações de experiências exitosas, sobre o uso das PIC na saúde. A clareza do conhecimento que os enfermeiros da ESF têm sobre as PICs com possibilidade de inserção na atenção básica de saúde, como práticas alternativas e complementares, representa o desafio da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: PNPIC; Atenção Primária de Saúde; SUS; Enfermeiros.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ma. A Utilização de terapias alternativas por enfermeiros brasileiros. [Tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem/USP, 1994.

BAUGNIET J., BONN H., OSTBYE T. Complementary/Alternative Medicine: comparing the view of medical students in other health care professions. *Fam Med* 2000, março; 32(3):17884.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (BR). Parecer normativo do COFEN nº 004/95. Dispõe sobre as atividades em Terapia alternativa. *Bol Inf COREn* 1995; 18(4):8.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. (BR). Resolução COFEN 197. Estabelece e reconhece as Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem. In: Conselho Regional de Enfermagem. Documentos básicos de enfermagem. São Paulo (SP); 1997.

HILL A. Guia das medicinas alternativas: todos os sistemas de cura natural. São Paulo (SP): Hemus.

LANDMANN J. As medicinas alternativas: mito, embuste ou ciência – homeopatia, medicina herbal, acupuntura, meditação, ioga, biofeedback e cura pela fé. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara; 1989.

NOGUEIRA, MJ de C. Fitoterapia e enfermagem comunitária. [Tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem/USP; 1983.

ORGANIZATION MUNDIAL DE LA SALUD. PROMOCIÓN Y DESARROLLO DE LA MEDICINA TRADICIONAL: informe de una reunión de la OMS. Genebra; 1978.

SILVA MJP da, BENKO Ma. O uso da terapias alternativas por enfermeiros docentes. *Ver. Bras. Enfermagem* 1998 julho setembro; 5(3):457-68.

TROVO MM, SILVA MJP da. Terapias alternativas/ complementares – a visão do graduando de Enfermagem. *Ver. Esc. Enfermagem USP* 2002 março; 36(1):80.